OCORRÊNCIA DE ANFIBOLITITOS À CUMNINGTONITA ASSOCIADOS A MÁRMORES E GNAISSES ALUMINOSOS DO COMPLEXO PARAÍBA DO SUL, REGIÃO SUL DO ESPÍRITO SANTO.

Mariana Silva Pontello, Elis Figueiredo*, Edgar Batista de Medeiros Júnior, Caroline Cibele Vieira Soares, Rodson de Abreu Marques, Tamires Costa Velasco, Lucas Pequeno Gouvea.

UFOP

A área de estudo está localizada na localidade de Morro Grande, município de Cachoeiro de Itapemirim, sul do estado do Espírito Santo. Encontra-se inserida no núcleo cristalino do Orógeno Araçuaí, onde predominantemente têm-se granitoides anatéticos e granulitos. Na região são encontradas rochas paraderivadas do Complexo Paraíba do Sul, como mármores, gnaisses aluminosos e calciossilicáticos, além de ortognaisses que podem ser correlacionados a Supersuíte G1. As rochas estudadas são caracterizadas por possuírem coloração esverdeada e composição essencialmente dada por anfibólio. Os poucos trabalhos (*e.g.* Silva 1993; Vieira 1997) existentes na região correlacionam a existência desses litotipos a processos metassomáticos desenvolvidos no contato dos mármores com os gnaisses adjacentes, e classificam-nas como calciossilicáticas. O presente trabalho visou caracterizar quimicamente os anfibólios dessas rochas para auxiliar no entendimento da gênese das mesmas. Para isso, foram realizadas atividades de campo para coleta de amostras e, posterior confecção de lâminas delgadas. Algumas foram selecionadas para estudo dos anfibólios via MEV-EDS. Os litotipos estudados são compostos essencialmente por clinoanfibólio, com quantidade subordinada de minerais opacos. Os pontos visitados em campo mostram que a rocha estudada ocorre como níveis irregulares centimétricos a métricos dentro de rochas gnáissicas, nas proximidades das ocorrências de mármore. O clinoanfibólio compõe de 95 a 97% da rocha, tem pleocroísmo esverdeado, de 0,25 mm a 0,95 cm. Possui hábito prismático predominantemente subidioblástico e comumente está fraturado. Os minerais opacos compõem de 1 a 5% da rocha e têm até 0,75 mm. São frequentemente xenoblásticos, com formas granulares. De acordo com os dados de MEV-EDS o anfibólio presente nos anfibolititos são de dois tipos: Mg-cummingtonita, que é predominante, e tremolita/hornblenda, raramente encontrado. A abundância de Mg-Cummingtonita nessas rochas é primordial para o entendimento da sua gênese, visto que esse anfibólio caracteriza um ambiente empobrecido em Ca, que é distinto daquele responsável pela geração de rochas calciossilicáticas. Com isso, pode-se afirmar que essa rocha não é calciossilicática e que não é produto da interação do mármore com gnaisse, portanto também não é um escarnito. A natureza ultramáfica da rocha associada a esse empobrecimento em cálcio pode evidenciar que a mesma é um representante metamórfico de uma rocha ígnea máfica a ultramáfica que foi metamorfizada com ou sem metassomatismo. Isso do ponto de vista geotectônico pode indicar a existência de litotipos ortoderivados máficos a ultramáficos na região associados aos mármores e paragnaisses, cuja geração remonta a bacia carbonática/pelitica que deu origem aos protólitos das rochas paraderivadas encontradas na área.

Referências bibliográficas:

Silva, Jodauro Nery da, Org. Cachoeiro de Itapemirim, Folha SF.24-V-A-V: Estado de Minas Gerais. Escala 1:100.000. Projeto Cachoeiro de Itapemirim: Brasília: DNPM/CPRM, 1993. Programa Levantamentos Geológicos Básicos do Brasil – PLGB.

Vieira, V.S. 1997. Programa de Levantamentos Geológicos Básicos do Brasil, Carta Geológica Cachoeiro do Itapemirim, Folha SF24ZV-A. Escala 1:250.000, Brasília, CPRM.